

Estertor

PAC

O que há a fazer? Esquecer a filosofia, nem que seja por um dia e pentear a lâ da ovelha negra, pois então. Isto concluímos, de acordo com as sentenças de nós mesmos e dos outros. Não há volta a dar. Estamos sozinhos neste planeta. É tal a ânsia de respostas, que não chega a filosofia, que tem muitas respostas, embora não pareça. Foucault diria que, ao lado de Guattari, o homem precisa de respostas geológicas, geográficas, mas também psicanalíticas, pois a ligação com a terra se está perdendo. É isso que enlouquece o homem, a sua ânsia de poder, poder ou ser possuído, o seu afã de ter terra, em vez de a respeitar, como as memórias de infância, entre *recuerdos* e *segredos*, como canta Luz Casal...

Depois, a canção dos *Heroes del Silencio*: “Yo no tengo la culpa de verte caer...”. Isso faz-te pensar, congeminar uma adaptação mais do que extraordinária, perfeita, entre três países, três bandeiras, que o Professor Nuno Porto lembrou ter sido a sina de Jacques Derrida. Mas também de Camus, originalmente argelino. Sim, lembra-te do Barrocal algarvia em geral e de São Brás de Alportel em particular, que estudaste nas aulas do Professor Pedro Prista, bem como a cidade de Argel, cuja monografia analisaste em profundidade para o mestrado em Estudos Africanos, que abandonaste no segundo semestre por não teres dinheiro e, além do mais, a fobia dos lugares, eis a tua alma de viajante, não estranha que não sejas um viajante (do tempo), perdido em Lisboa, como diz uma das tuas obras de ficção, *Lost in Lisbon*.

Depois, os paradigmas democráticos, a violência de rua, tal como o que se está a passar em França, as revoltas, com base de um mau entendimento social das diferenças, esquerda e direita. Mas o que há-de a polícia fazer? Depois os dramas da imigração ilegal, a que de certo modo escapamos, mas

que também nos tocam, a Europa tensa, nervosa, doente, devido à convivência de culturas diferentes que se debatem num mundo em crise de identidade. Será tudo isto apenas uma doença de crescimento? O Brasil, lembro, tem coisas boas, teoricamente um laboratório de convivência das mais diversas etnias sob a luz do luso-tropicalismo, Gilberto Freyre, "Senzala e Casagrande". Mesmo em França, o homem vai depressa demais. Todos querem provar que são os melhores, uns fazem a outros. Mas há esperança, há muita gente que acredita e na desistência do metro ou do autocarro, dá lugar a uma jovem iraquiana grávida...

Victor Mota